



ISSN: 3085-6434

DOI:

<https://doi.org/10.71263/7gr8w656>

REFLEXIVIDADES ESTRUTURAIS: Um sociólogo, o imaginário humano e as tramas sociais dinâmicas

Rodolfo Rodrigo Santos Feitosa¹

1. Introdução

A existência humana é, em si, um dilema constante que traz à tona uma série de tensões que posicionam as ações individuais e os movimentos imperativos das estruturas sociais. Não à toa, a Sociologia, ciência a qual me dediquei profissionalmente, postula recorrentemente esse infinito “conflito” entre os impulsos, escolhas e projetos de vida dos indivíduos/atores/agentes e os supostos determinantes estruturais. Quer seja em Giddens (2001, 2003), em Bourdieu

¹ Professor de Sociologia do IF Sertão PE. Docente permanente do do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) do IF Sertão PE. E-mail: rodolfo.feitosa@ifsertao-pe.edu.br

(2003, 2007), ou mesmo em Habermas (1973, 2001), sempre me identifiquei com os conjuntos teóricos que propuseram olhar e compreender o mundo social e suas dinâmicas interacionais para além dos vieses deterministas estruturais, ou dos prismas que atribuem aos múltiplos microcosmos individuais de significados chaves de leituras possíveis à intrincada trama de relações que perpassam a vida em sociedade.

Neste sentido, o exercício de construir o presente memorial biográfico de carreira acadêmica, foi um desafio surgido como parte das atividades (comuns a docentes e discentes) da cátedra de Seminários de Projetos que, juntamente com os amigos Gabriel Kafure da Rocha e Zélia Maria Xavier, ministramos no corrente semestre letivo junto ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Filosofia no IF Sertão PE – Campus Petrolina Zona Rural. Desta forma, prescrutar minha trajetória de vida foi, em verdade, observar o quanto o percurso da existência humana, sobretudo na sociedade contemporânea, enuncia sinuosidades permeadas por confrontos às realidades existenciais postas dos sistemas sociais, tais quais reduzidos àquilo que outrora fora sinalizado como sendo a expansão desenfreada da razão instrumental (Habermas, 2001) e da lógica econômica às diversas esferas de sociabilidade humana. Conforme magistralmente esclarecido por Weber (1958, p.,181),

Pois, quando o ascetismo foi levado das celas monásticas para a vida cotidiana e começou a dominar a moralidade mundana, ele fez sua parte na construção do tremendo cosmos da ordem econômica moderna. *Essa ordem*

está agora vinculada às condições técnicas e econômicas da produção mecanizada que hoje determinam a vida de todos os indivíduos que nascem nesse mecanismo, não apenas aqueles diretamente envolvidos com a aquisição econômica, com força irresistível. Talvez assim os determine até que a última tonelada de carvão fossilizado seja queimada. Na visão de Baxter, o cuidado com os bens externos deveria recair apenas sobre os ombros do ‘santo como um manto leve, que pode ser jogado de lado a qualquer momento’. Mas o destino decretou que o manto se tornasse uma gaiola de ferro. [grifo nosso].

Escapar aos imperativos determinísticos da “gaiola de ferro”² e subverter as pressões significativas de uma existência humana reduzida unicamente à ordem econômica é uma tarefa

² A metáfora da “iron cage” (*Stahlhartes Gehäuse*, em alemão) aparece diretamente na tradução de Talcott Parsons da versão original (1905) de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Trata-se, pois, de um conceito que abarca o macroprocesso social de instrumentalização da racionalidade, o qual associado ao Capitalismo, inicialmente ancorado à ética protestante ascética, acaba por se tornar lógica dominante de sociabilidade e organização social *aprisionando os* indivíduos em estruturas burocráticas e técnicas impessoais.

árdua, a qual requer, por sua vez, o acesso a conhecimentos, pensamentos e sentimentos que versem, retratem e desenhem o mundo e suas complexidades em outras formas de razão que comportem a crítica, a pluralidade o contraditório e mesmo o “irracional” como parte essencial da existência humana em sociedade.

Em similitude a Rocha (2025) que, quando do início do seu memorial filosófico, apresentou aos leitores suas predileções acerca da opção pelo posicionamento em primeira pessoa, utilizarei do mesmo expediente para indicar os modos como enxergo viável a narrativa de meu percurso acadêmico. Sendo assim, elejo como viável, neste instante, não incidir em listagens e sumarizações de publicações ou outros eventuais contributos científicos, haja vista entender que as produções não falam adequadamente daquilo a que pretendo dar vazão agora, quais sejam, as nuances mais sensíveis que povoam o meu imaginário pessoal sociológico. As pesquisas conduzidas, os projetos realizados, tanto quanto as disciplinas ministradas constam detalhadamente no currículo lattes e disponíveis ao acesso público em quase totalidade. Aqueles que se sentirem curiosos em saber mais detalhes poderão por seus próprios interesses acessá-las. Farei deste memorial um momento de livre escrita sob a inspiração poética que a filosofia nos permite, por excelência, em seu *modus operandi*, comportando, inclusive, acredito, aquilo de apresentarei por ora. Nestes termos, conciliarei nesta mesma narrativa a descrição de percursos da minha história acadêmica e profissional com pinceladas de imaginação sociológica, e, nos momentos mais ousados, fazendo uso da aquarela da filosofia. Esta será, pois, minha

forma de me ver, isto é, transmitindo- a sob os fluxos dos pensamentos sociológicos que em mi, habitam. À retórica padrão para a escrita memorial peço as devidas venhas, e só.

2. Vida em formação: a sociologia, os estudos e os esforços à realização no labor

Nascido em Campina Grande, Paraíba, em uma família pequena, de apenas um casal de filhos, meus pais são Francisco de Assis Feitosa e Maria das Graças Santos Feitosa. Fui criado em um lar bastante amorosa e, ao mesmo tempo, rígido quanto a determinados valores. Meu pai morreu ainda na minha infância, quando tinha apenas quatro anos e minha irmã, dez meses. Por óbvio, os elementos morais que internalizei foram resultados das orientações, conselhos e ensinamentos que recebi de minha mãe, minha avó paterna e minhas tias. A atenção que direcionei aos estudos depois da aprovação no vestibular em muito se devem a elas, cujas falas sempre alertavam a dureza do trabalho para aqueles que não possuíam formação superior. Com muita firmeza e rigidez, minha mãe conduziu nossa criação, mantendo-nos em termos de sustento e amor, sem uma nova figura masculina ao seu lado por muito tempo. O aguerrimento para superar as agruras da vida, bem como uma boa dose frieza e racionalidade para lidar com as maiores dificuldades aprendi com ela, principalmente, mas também com minhas tias Lourdes Feitosa e Inácia Feitosa, tanto quanto com minha avó Maria Hosana Feitosa (*in memoriam*).

Nossas origens e os elos amorosos primários do núcleo familiar reverberam durante toda nossa

existência, através de facetas diretas e indiretas. E, portanto, na maioria das vezes, dizem muito mais sobre nós que as escolhas profissionais, os direcionamentos de nossa formação, as aptidões teóricas, nossas obras e outras conjunturas passageiras da sociabilidade humana. Sob minha apreensão, num instante tal como este, em que pretendo constituir uma espécie de autobiografia temática seletiva que recorre à narrativa memorial, cometeria uma violência a mim mesmo se, pelas conveniências do formalismo acadêmico ou da padronização discursiva científica feita às expensas da negação da subjetividade, furtasse-me de expor o quanto são presentes determinadas pessoas de minha família em tudo aquilo que fui e sou.

Posto isso, cabe-me ainda citar os meandros dos motivadores da dedicação à formação profissional no meu campo de estudo, o que mais tarde repercutiria na opção pela carreira acadêmica até a obtenção do título de doutor. Neste sentido, apesar de ter um número razoável de tios, assimilei poucos traços de personalidade advindos do contato com eles, tendo sido muito mais presentes os exemplos femininos de fibra e honradez, salvo algumas exceções tais como meu primo Érico Feitosa. Depois de tanto tempo e tendo alcançado certa inteligibilidade sobre os processos formativos da moral coletiva e dos traços personalísticos, consigo entender o quanto o périplo da vida dessas mulheres me foram decisivos, particularmente quanto ao reconhecimento das capacidades humanas de agência na resistência cotidiana de sentidos e estigmas enraizados nas estruturas sociais.

Neste aspecto, as estratégias utilizadas por elas, bem como os esforços para transmitir-me valores e significados consagrados a uma existência cujo sentido estende-se para além de egoístas realizações. São, pois, legados indelévels embebidos de amor, altruísmo e propósito social, por meio dos quais subverteram discursos e estratégias falaciosos que, numa sociedade de traços machistas, isentavam às mulheres os atributos de força, resistência e resiliência, bem como o protagonismo do sacrifício pelo bem maior familiar. Tenho claro, então, que foram exemplos vivos de que “a vulnerabilidade não é passividade; é uma condição que pode ser mobilizada para a resistência”, cuja materialidade pode ser realizada, inclusive, noutras gerações e gêneros (Butler, 2021, p. 156). A recorrência de certas falas, o apoio incondicional, bem como as duras lições de moral e até repreensões ocorridas enquanto coerção aos erros da juventude, foram determinantes à percepção de que a educação superior era um caminho necessário para uma vida mais tranquila e de menores privações pessoais, tais como as que caracterizavam próprias biografias delas. Neste sentido, os atos contínuos de dedicação, ensinamento e carinho dessas mulheres, conseguiram transformar os pensamentos rebeldes de infância e juventude em senso de responsabilidade e dedicação, os quais me levaram de rendimentos medianos e desleixados no ensino fundamental e médio a posições de melhor destaque durante a universidade, tanto quanto a uma aplicação diferenciada nos estudos.

Nos entremeios dos planejamentos de vida, a consolidação de uma carreira acadêmica passou a ser algo importante para mim, a partir do instante em que decidi cursar

Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande. Quando do vestibular, optei pela segunda entrada, isto é, iniciar o curso no segundo semestre. Mesmo tendo passado para o mesmo curso na Universidade Federal da Paraíba – Campus João Pessoa, a conveniência de estudar na mesma cidade de meu domicílio foi decisiva a favor da UFCG. Nesse interim, tive tempo para investigar que tipo de leituras, autores, obras e teorias encontraria pela frente, usando dos poucos recursos tecnológicos disponíveis à época e visitando as instalações da biblioteca da Instituição na qual passaria, futuramente, longas horas e bons momentos da minha vida. Em um esforço de autodidaxia, li várias obras referenciais de teoria social, nas quais buscava inteligibilidade sobre aspectos e dimensões que seriam devidamente aprofundadas quando do transcurso da formação, em efetivo. Já naquele instante, considerava que para alcançar o entendimento das coisas "[...] é preciso, e basta, ser emancipado, isto é, estar consciente da verdadeira potência do espírito humano." (Ranciere, 2002, p. 15). Em contato com a “dureza” daquelas teorias sociais, percebi que uma formação acadêmica robusta, diversa e metodologicamente criteriosa, necessitaria de uma visão ampla e não eivada de preconceitos analíticos. Nestes termos, caber-me-ia posicionar-me ativamente, especialmente no sentido de fazer valer as potências inerentes à agência humana e, com isso, realizar a emancipação permitida pelo esclarecimento da realidade das “coisas sociais”. Ocorria-me, já à época, a percepção de que a ascensão analítica dos indivíduos, bem como a aquisição de habilidades filosóficas e teóricas eram antecedidas pelo próprio reconhecimento individual das capacidades de aprender e

compreender o mundo, independentemente da mediação do conhecimento realizada pelos seus professores e mestres (Ranciere, 2002).

No início, enxergava tanta “dureza” nas teorias sociológicas que chegava a concebê-las, enquanto conjunto comunicativo científico específico, como uma espécie de *autopoiese* no sentido de sistemas fechados autodefinidos, isto é, como entidades autônomas, cuja predisposição comunicativa não interage com o ambiente, “mas operam comunicando-se sobre o ambiente em termos de suas próprias estruturas internas” (Luhmann, 1995, p. 87). Sendo o tempo um senhor paciente, com o debruçar-se sobre as leituras e o trato contínuo dos estudos a familiaridade veio e, consigo, a inteligibilidade e clareza quanto aos edifícios teóricos e empreendimento analíticos que fazem da Sociologia um campo fértil e denso, cuja profundidade tende a revelar processos e dinâmicas de forma tão crua e desvelada que exigem notória parcimônia emocional para aqueles que a fazem, tanto quanto para aqueles que a apropriam em leitura com a devida sabedoria. Em outras palavras, as “dores sociais” trazidas à tona através da apropriação do olhar crítico e aguçado das teorias sociológicas nem sempre são acompanhadas de uma utopia sanativa, com soluções e alternativas reconfortantes possíveis às realidades históricas retratadas, o que acaba imputando-as certo tom desconfortável³.

³ Conforme expressou C. Wright Mills (2000, p.184, tradução livre) no íntimo de suas cartas autorreferenciadas postumamente publicadas, nas quais refletia sobre o fazer sociológico, sua condição artesanal, criativa e solitária:

Neste sentido, apesar dos eventuais dissabores que poderiam advir da leitura do mundo social a partir de um olhar criterioso e metodicamente construído sobre realidades postas historicamente, compreendi que isso seriam ossos do ofício intrínsecos à Sociologia (Bourdieu, Chamboredon, Passeron, 2004). Em reconhecendo a mutabilidade das relações sociais face às condições históricas e às ancoragens culturais de suas respectivas “estruturas das conjunturas” (Sahlins, 1990, p. 15), bem como o particular ritmo e intensidade de transformações atrelados à “radicalização da modernidade” (Giddens, 1991, p. 62), aprendi logo cedo que a natureza do fazer sociológico significa estar sempre em formação. Igualmente a Wright Mills (2009, p. 15), assimilo que “a imaginação sociológica nos permite compreender a história e a biografia [assim como] as relações entre as duas dentro da sociedade”, o que significa, por lógico, captar o mundo social de forma diferente do que habitualmente subjaz do senso comum, desenvolvendo as aptidões que permitem. Para além de um dilema valorativo sobre essas duas formas de leituras da realidade, o que em efetivo não cabe, importa percebermos que os inerentes requisitos epistemológicos do labor sociológico nos encaminham, formalmente, para atributos como densidade

"Quanto mais compreendemos o que está acontecendo no mundo, mais frustrados frequentemente ficamos, pois nosso conhecimento nos leva a *sentimento de impotência*. Sentimos que vivemos em um mundo em que o cidadão se tornou um mero espectador ou um ator forçado, e que nossa experiência pessoal é politicamente inútil e nossa vontade política, uma ilusão menor." [grifo nosso]. In: MILLS, Kathryn; MILLS, Pamela. **C. Wright Mills: Letters and Autobiographical Writings**. Oakland: University of California Press, 2000.

teórica e aguçado senso crítico analítico, os quais só atingem o patamar devido, através dos rigores e predicados metodológicos necessários a tal campo científico.

Acredito, desde há muito tempo, que o gosto pela Sociologia nos traz certa percepção peculiar do mundo, a qual utilizamos não apenas nos instantes de exercício profissional ou nos contextos de práticas acadêmicas. Ao contrário disso, passam a ser raros os momentos em que não estamos a perceber, refletir e interagir no mundo sem que nos venham à mente alguma dimensão sociológica. Não obstante, sempre me permiti viver os processos formativos acadêmicos e extra-acadêmicos dialogando com os mais diversos interlocutores e pensamentos, quer fossem professores, orientadores, colegas, amigos e até mesmo familiares. Ressalvadas as dimensões dilatadas acerca dos princípios da verdade instituídos na funcionalidade da aplicação factual de um dado axioma, entendo, tal qual o pragmatismo de James (2007), que todas as experiências humanas guardam em si oportunidades de aprendizado prático e de desenvolvimento. Por isso, sempre vislumbro no contato humano e nas interações do cotidiano, oportunidade de alargar a compreensão sobre questões sociais, esclarecer pontos específicos e apreender nuances das percepções dos indivíduos e coletivos diante de alguma dimensão social.

Em toda a formação acadêmica na UFCG (graduação e mestrado), busquei o amadurecimento profissional, o desenvolvimento das capacidades analíticas de questões sociológicas, bem como o refinamento conceitual e metodológico. Neste sentido, fui monitor

bolsista na disciplina de Teoria Antropológica por dois semestres consecutivos sob a tutela dos professores Dr. José Martinho de Souza Mendonça, Dr. Rogério Humberto Zeferino e Dra. Mércia Regina Batista; também fui bolsista de Iniciação Científica por dois anos seguidos, no primeiro ano desenvolvendo uma pesquisa sobre a Comissão Estadual de Trabalho e Emprego da Paraíba e as dinâmicas de controle social nas políticas de emprego, o qual foi realizada sob a orientação do professor Dr. Roberto Veras de Oliveira; no segundo projeto de iniciação científica trabalhei a temática da Sociedade de Consumo e a modernização cultural brasileira no contexto das propagandas midiáticas televisivas, sob a supervisão do Professor Dr. Anderson Moebus Retondar. A condição de bolsista foi fundamental para custear as fotocópias dos textos das disciplinas, em um período que o acesso às obras ainda não era tão fácil como hoje ocorre face aos avanços das tecnologias da informação e disponibilidade pública de muitas obras. Outrossim, a atuação nos projetos me aproximou de grandes profissionais acadêmicos que foram também grandes tutores intelectuais naquele período, tanto que os meus orientadores em projetos de iniciação científica se tornaram também orientadores no trabalho de conclusão de curso e na dissertação de mestrado.

Os aprendizados técnicos de uma Iniciação Científica não podem ser subestimados, pois são oportunos momentos de aprofundamento e melhorias no exercício profissional de qualquer futuro pesquisador. Destarte, estar ao lado de grandes mestres durante esses momentos de investigação foi crucial para que tivesse clareza quanto às especificidades

epistemológicas e metodológicas; do fazer singular das pesquisas sociológicas, bem como do denso cenário de reflexão que envolve seus instrumentos de coleta de dados e a lapidação dos percursos de análise, ainda mais importante quando lançamos luz sobre nuances complexas da realidade brasileira. Cada experiência acadêmica dessa, à sua maneira, proporcionou apropriações teóricas e metodológicas que foram cruciais à compreensão dos processos de modernização e suas amplitudes no tecido social. No tocante ao nosso país, emergem, pois, em um bojo social peculiarmente complexo, nos quais os parâmetros de racionalidade e práticas são marcadamente tensionados por ambiguidades significativas, discursivas e simbólicas que escapam, em muito, ao pragmatismo operante em sociedades ocidentais europeias. Ancoradas e apresentadas em uma esteira cultural, política e econômica notadamente efervescente e interposta, em muitos casos, por vínculos geopolíticos condescendentes a hegemonias estrangeiras, as realidades sociais tais como a nacional nos parecem mais inteligíveis, em muitos momentos, se consideradas sob as prerrogativas das “multiplicidades de formações” e arranjos de racionalidade possíveis. Conforme aventado por Eisenstadt (2001, p. 141, grifo do autor), “uma das implicações mais importantes do termo *modernidades múltiplas* é que a modernidade e a ocidentalização não são idênticas; os padrões ocidentais de modernidade não constituem as únicas modernidades *autênticas*, apesar de gozarem de precedência histórica [...]”

Sendo assim, quer lançando luz sobre as dinâmicas de controle social no espaços institucionalizados de discussão

pública acerca das políticas de emprego (Feitosa; Veras de Oliveira, 2009; Feitosa, 2010) ou pensando o universo distinto da sociedade de consumo e da formação de subjetividades culturais em correlação com as mídias e propagandas televisivas, compreendi que a apresentação teórica de explicações sobre a realidade brasileira é sempre um empreendimento para lá de desafiador, haja vista que nossas características sociais (Fernandes, 1972; Sorj, 2000); políticas (Souza, 2009) e culturais (Holanda, 1995; Ribeiro, 1995). Tudo isso se dá não apenas pela diversidade, mas especialmente pela densidade de constituição, fazem com que nossos compostos sociais possuam morfologias e fisiologias singulares, o que, por conseguinte, imputa à sociologia a necessidade de uma plasticidade explicativa capaz de envolver, minimamente, a intrincada trama de relações e correlações destas dimensões no percurso cotidiano dos fenômenos em estudo.

Sob a compreensão de que a modernidade assume contornos distintos em cada sociedade, resultando emaranhados de significações distintas acerca dos padrões de racionalidade e tradição, desenvolvi o trabalho de concussão de curso da graduação em ciências sociais, delimitando minha especialidade na área de concentração sociologia. A monografia "O discurso publicitário e a construção do sujeito" explorou criticamente como a propaganda televisiva influenciou a subjetividade brasileira entre 1970 e 2000, antecipando preocupações que, mais tarde, reverberariam em sua investigação sobre sociabilidade contemporânea. Nesse instante, consolidei muitas das minhas preferências teóricas e percepções acerca da importância do rigor no uso de certas

metodologias qualitativas, especialmente aquelas que vislumbram acessar dimensões explicativas pela perscrutação do discurso (Foucault, 2005; Orlandi 2015).

Tendo visto os percalços habituais aos empreendimentos científicos de ordem sociológica, ratifiquei a compreensão sobre aprimorar e desenvolver as habilidades metodológicas e analíticas. Dando sequência à carreira acadêmica, tendo ingressado no PPGCS – UFCG contemplado com uma bolsa de estudo da Capes, cursei o mestrado (2010-2012). No decurso dos estudos, vinham os sonhos e as pressões familiares normais pela independência financeira, motivo pelo qual comecei a prestar concursos. Foi quando apareceu a oportunidade de ingressar no IFSertãoPE como professor de sociologia, ainda no primeiro semestre 2010. Aprovado, entrei em exercício no Campus Petrolina Zona Rural no dia 16 de setembro de 2010, assumi disciplinas do ensino técnico e superior, e concluí os créditos das disciplinas do mestrado entre viagens semanais de ida à Campina Grande-PB e retorno à Petrolina – PE.

Cheguei à cidade sem conhecidos, nem familiares, quase um *outlier* sem referência social preliminar para facilitar os vínculos primários neste novo lugar que também reconheceria como meu, não apenas pela formalidade do exercício laboral que ali desempenharia, mas antes, pelas paixões e sentimentos inerentes à condição humana os quais seriam cindidos aqui, em Petrolina. Como observa bem Santos (2006, p. 218), “O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo [...], mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da

ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.” Justamente na vazão de encantamentos pela riqueza social e econômica do território do Vale do São Francisco mudei meu objeto de estudo e defendi a dissertação tratando de dinâmicas no mundo rural, especificamente processos sociais de subalternização do pequeno agricultor à empresa agrícola no âmbito dos perímetros irrigados, na qual examinei criticamente os mecanismos de dependência econômica e subordinação simbólica presentes nas relações entre pequenos produtores de acerola e agroindústrias. Este estudo foi orientado pelo Dr. Roberto Veras de Oliveira, especialista em sociologia do trabalho, e coorientado por Dr. Aldenor Gomes, cuja influência também se deu nas abordagens metodológicas. Neste instante, fiz uso da teoria de Bourdieu (2003) para compreender os processos de dominação simbólica no campo produtivo

2. Na torrente da existência, a agência humana: formação, profissão e mundo da vida

À sociologia, o deleite reflexivo é, particularmente, um abismo arдил no qual caímos, dizem, quando nos prostramos tão somente no universo conceitual abstrato de suposições deslocadas e longes do mundo cotidiano. Com efeito, ao contrário da filosofia, nosso fazer é, em certa medida, limitado quanto à liberdade pelo pressuposto finalístico da resposta teórica, a qual emerge obrigatoriamente da análise dos fatos, tais como eles são. Tal como reluz na afirmativa de Elias (1994, p. 22) “a filosofia procura uma visão do mundo; a sociologia

analisa os processos sociais que moldam essas visões” e, assim, está presa àquilo que é e não ao devir. Consuma-se na aplicação de procedimentos metódicos para prescrutar uma dada realidade, reconhecida e delimitada pelos instrumentos heurísticos a ela disponíveis e, por meio dos quais esmiúça a trama de relações sociais, seus significados e sentidos, as existências e funcionamento de instituições, bem como as dimensões estruturais e os paradoxos da capacidade de agência dos indivíduos.

Nos estudos de anteparo e na construção de minha tese de doutoramento, reconheci os degraus que me alçaram ao autorreconhecimento teórico-metodológico e, por conseguinte, à maturidade seletiva que permite definir e defender meus próprios modos de ver o mundo sociologicamente. Na prática, tratava-se pontualmente de apreender uma face complexa do mundo empírico⁴ afeito à sociologia rural e colocar à prova as explicações teóricas às quais havia chegado. Entretanto, o fluxo da vida não é programático e nos quatro anos do doutorado (2012-2016), muita coisa aconteceu, para além da integralização dos créditos, da qualificação e defesa da tese. Não bastasse isentar-me do afastamento para realização do doutorado, assumi outros desafios no campo profissional, os quais

⁴ A saber, dinâmicas produtivas no Vale do São Francisco que exacerbam as tensões locais nas relações sociais de produção, face às interferências/influências de determinantes globais na cadeia da fruticultura de exportação, afetando e modificando as lógicas do mundo do trabalho rural, os padrões de racionalidade, os espaços produtivos, as organizações e as estratégias de controle das etapas dos processos produtivos.

exigiriam muita dedicação e afinco, especialmente por se tratar da seara administrativa.

Entre 2013 e 2014 fui Coordenador Geral de Extensão do Campus Petrolina Zona Rural, vivenciando processos burocráticos inerentes à função, mas tentando contribuir com o aperfeiçoamento de rotinas e com a repercussão e visibilidade das ações institucionais junto à comunidade externa. Muito me orgulham neste sentido, ter participado da idealização coletiva do projeto de formação inicial e continuada voltado exclusivamente para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa⁵. Naquele instante, rompíamos não apenas as barreiras institucionais pelo pioneirismo, mas, sobretudo, estigmas e preconceitos, vislumbrando realidades diferentes para aqueles jovens.

De março de 2014 até agosto de 2015 fui diretor administrativo do Campus Serra Talhada, o qual acompanhei sua construção desde a fundação, tendo sido responsável pela instalação da sede provisória, estruturação dos fluxos e procedimentos iniciais de abertura de processos para aquisição de bens e serviços, bem como recepção e treinamento dos primeiros servidores da Unidade. Também neste período, realizamos as tratativas para a instalação de cursos do Pronatec no sertão do Pajeú e do Moxotó, levando à Sertânia o primeiro Centro de Referência de Rede de Educação Profissional e Tecnológica formada pelos Institutos Federais. Nessa torrente de responsabilidades, me desdobrava entre deslocamentos

⁵ Projeto desenvolvido em parceria com a Fundação de Atendimento Socioeducativo (Funase/PE), o qual tem formações realizadas até os dias de hoje.

permanentes toda semana, entre Petrolina e Serra Talhada, chegando a fazer, às vezes, ida e vinda três ou quatro vezes dentro de 10 dias. Muitos aprendizados, habilidades adquiridas, novos colegas, um divórcio, um sério acidente de automóvel em serviço, um grande amor em um novo e frutífero relacionamento, também fazem parte dessa história. Entre erros e acertos, dificuldades e superações, restou-me aquilo que nos engrandece verdadeiramente, o sentimento de ter experienciado a vida, em sua doçura e também em seu amargor. Tal como bem captou Montaigne (2006, p. 152), “o valor da vida não está naquilo que se tem, mas na forma como se enfrenta o que a vida nos dá”, motivo pelo qual entendo que podemos depreender o belo e o singular da vida humana em meio ao caótico que, às vezes, retrata nossa existência fugaz.

Na vida, a correnteza dos acontecimentos traz-nos as experiências e as situações, entretanto, os significados e sentidos somos nós que atribuímos, e isso vai além do mero existir. Como disse Simone de Beauvoir (2009, p. 296), “a vida é ocupada em manter-se viva, mas também em justificar a própria vida”. Deste modo, as narrativas que restaram à minha memória foram quanto a esse período foram de amadurecimento, profissional, intelectual e amoroso. Seria injusto omitir tamanhas conquistas, posto que nesse período (re)conheci aquela que seria minha companheira e mãe dos meus filhos, firmei minhas qualidades de pesquisador, bem como contribui com o avanço institucional e ajudei a melhorar a realidade social onde atuei, além do quê alcancei o título almejado.

Sob a orientação carinhosa, compreensiva e paciente da Professora Dra. Josefa Salete Cavalcanti, minha tese, intitulada "Globalização e trabalho: os trabalhadores nas *packing houses* de manga do Vale do São Francisco", lançou luz sobre os profundos os impactos dos macroprocessos delineadores das cadeias produtivas globais no contexto das relações de trabalho rural, em nível local, incorporando, para isso a análise de conteúdo de entrevistas em profundidade e observações sistemáticas e análise de conteúdo. O estudo revelou como o controle intensificado do trabalho, fruto de exigências dos mercados globais, reconfigura o cotidiano de trabalhadores, promovendo formas de resistência silenciosa e reorganização subjetiva (Feitosa, 2016; Feitosa, Cavalcanti, 2017). Neste sentido, a teoria da estruturação de Giddens (1991, 1993) foi essencial para entender como agentes locais reproduzem e transformam estruturas globais em práticas cotidianas. Ao passo que Foucault (2004) e sua ótica microfísica do poder e controle disciplinar embasou a compreensão das formas institucionais e normativas de regulação do trabalho, Bourdieu (2007) forneceu recursos teóricos para a leitura das disposições dos trabalhadores, seus *habitus* e estratégias simbólicas de resistência no contexto rural produtivo.

Não menos importante que os méritos alcançados ao logo do desse período, o exercício da docência também se fez melhor com o passar do tempo, posto que a prática de ensino naturalmente se engrandece com sensibilidade que só a maturidade nos permite. Refiro-me à maturidade *latu senso*, isto é, capaz de abranger as dimensões sociológica, didática e também emocional, esta última, diga-se de passagem,

extremamente importante para lidar com as intempéries da sala de aula contemporânea que, em muito, escapam às fórmulas e manuais sobre os quais se apoiam pedagogias de chavões. Assim, nos múltiplos universos da sala de aula com os quais se deparam os professores do ensino básico, técnico e tecnológico dos Institutos Federais as práticas de ensino são tensionadas mediante a variabilidade não apenas dos níveis de formação, mas também do corpo de alunados e seus respectivos lugares de fala e projetos de vida. Face a isto e à dinâmica de instrumentalização do conhecimento em cursos de formação profissional, que sob parâmetros distintos de intensidade, volta e meia se apresentam sob a forma de redução de carga horária às disciplinas ditas propedêuticas, ou de estratégias que subestimam e/ou subdimensionam a relevância dessas mesmas disciplinas no constructo formativo, é mister sublinhar o quanto a Sociologia e a Filosofia encampam a resistência a favor de um livre pensar, crítico e transformador. Estes saberes trazem consigo, uma forma de pensar e conceber o mundo que não condiz com a espera para a atuação apropriando o espírito de (re)ação no sentido da mudança, ou seja, assentindo que “a educação é um processo de viver e não uma preparação para viver” (Dewey, 1970, p. 57).

Sob essas premissas realizo o exercício do magistério, compreendendo que a inteligibilidade acerca da própria vida social que nos toca é uma necessidade premente a qualquer cidadão e, por conseguinte, condição *sine qua non* ao avanço da sociedade civil e política. Munir os estudantes do (re)conhecimento crítico é, pois, uma tarefa essencial à formação deles, cuja atribuição recai especialmente, neste

contexto, aos saberes oportunos da filosofia e de sociologia. Partindo deste entendimento, nunca me furtei à apresentação dos distintos campos teóricos sociológicos e suas respectivas implicações políticas, posto que a crítica e apreensão dos processos sociais sob um crivo analítico adequado epistemologicamente, independem de quaisquer predileções que eventualmente eu possa ter. Entendo ser isto parte do conjunto ético inerente ao fazer pedagógico que permite não apenas o entendimento, mas também o engajamento dos indivíduos na busca pela transformação social. Conforme sublinhado por Arendt (2009, p. 247), “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele.”

No plano profissional, os anos subsequentes foram de aplicação à docência, pesquisa e extensão, ao passo que, no campo pessoal, constituí família e experienciei a dádiva da paternidade, acessando dimensões sentimentais profundas das quais só ouvia falar. Foram estas, um esteio para muitas ressignificações acerca de minha própria existência, permitindo-me redefinir, inclusive o olhar sobre a beleza do cotidiano e a simplicidade do amor e da felicidade no instante vivido do presente. Reconheci verdadeiro, neste sentido, o axioma de Schopenhauer (2006, p. 29, grifo nosso) que diz: *“a maior sabedoria parece consistir em gozar tranquilamente o presente, que é sempre pequeno, e não tornar dependente sua paz interior de uma esperança e expectativa quanto ao futuro, que é sempre incerta.”*

Em 2020, após convite, assumi a Direção de Administração e Planejamento do Campus

Petrolina Zona Rural, em um novo ciclo de gestão, cujos projetos e ideais haviam sido legitimados em pleito eleitoral extremamente acirrado. Em meio a este cenário político efervescente, assumi outra vez, portanto, as incumbências de gestor financeiro, responsável pelo planejamento, gerenciamento e execução orçamentária de uma unidade autárquica, manejando diversas rubricas, gestão de processos de aquisição de serviços e bens e suas respectivas atribuições de fiscalização, bem como outras várias dinâmicas intrínsecas à função. Poucos dias depois à investidura na função, a Pandemia da COVID-19 se instalou. Mesmo com experiências acumuladas, habilidades desenvolvidas e um bom conhecimento dos procedimentos administrativos inerentes à pasta, os desafios postos à Administração Pública naquele instante eram novos e assustavam, inclusive, os gestores mais experientes. Para além de todas as responsabilidades tangentes à tutela das vidas de alunos, servidores e funcionários terceirizados, recaiam sobre nossos ombros todas as imputações jurídicas e riscos administrativos, os quais eram recorrentemente aventados pelas instâncias superiores quanto à discricionariedade dos atos administrativos sob nossa alçada. Nossas decisões eram sempre tensionadas em relação às suas possíveis repercussões quanto aos riscos trazidos às pessoas, ao cumprimento das medidas sanitárias diversas, tanto quanto aos imagináveis prejuízos eventuais ao erário.

Olhar para aquele instante é perceber que suportamos, para além dos infundáveis derivados psicológicos da COVID-19 às pessoas, vivenciamos um estágio de excessiva sobrecarga de responsabilidades e medos, para os quais, a meu ver, não

obtivemos o devido apoio, ou mesmo qualquer reconhecimento. De acordo com Costa e Lima (2003), as problemáticas estavam ligadas aos riscos oriundos da flexibilização das regras de contratação públicas, necessidade de ações integradas de compras rápidas e desenvolvimento de estratégias robustas para que os entes públicos atendessem as vulnerabilidades emergentes. Enquanto gestores, estivemos sempre em atividade nos locais de trabalho, correndo riscos e, em certa medida, arriscando nossas próprias famílias. Ossos da função, poderíamos dizer, caso intencionássemos omitir os predicados perversos de estruturas organizacionais e sistemas institucionais marcados pela objetificação das pessoas. Intrigantemente, isso também atinge aqueles indivíduos que desempenham funções gerenciais na administração pública federal (neste caso, de dispositivos autárquicos), os quais, mesmo estando em posições hierárquicas elevadas na organização, e detendo, inclusive, poder decisório capaz de modelar parcialmente as ordenações e disposições organizacionais, não estão isentos à objetificação. Esta, por sua vez, comumente anda ao lado do absenteísmo sistêmico para com demandas subjetivas peculiares que contextualmente requereriam um cuidado diferenciado com esses momentos. Afinal, falamos de sujeitos que, por sua vez, lidam rotineiramente com um cenário que mescla um sem-fim de exigências normativas internas e externas, bem como demandas por produtividade e eficiência. Para dar conta disso, processos contínuos de formação técnica e capacitação profissional ocorrem, desconsiderando situações pessoais e bases conceituais e técnicas anteriores. Assim, mesmo com os esforços

impelidos externamente ou escolhidos voluntariamente, o fato é que essas ações estratégicas caminham à poeira do galope das mudanças em dispositivos legais e normativas, operacionalizadas em mecanismos virtuais e sofisticados sistemas operacionais complexos, convulsionando o fazer diário desse contingente de trabalho em conjuntos de fragilidades e excessivas atribuições atribuídas a pequenas equipes, cujo bojo de operação diz respeito a cenários institucionais diversos e, não raro, também sob influência de forças políticas e econômicas locais.

Todavia, mesmo diante de tudo isso, restava-me a agência humana e todo potencial que ela encerra em si. Como bem salienta Castoriadis (1982, p. 177), não podemos escapar à máxima inalterável de que “a instituição da sociedade é sempre obra da atividade humana, mesmo quando esquecida como tal.” Nesses termos, àquela tempestade levei minha aquarela e desenhamos as *obras* que podíamos enquanto equipe, ajustando contratos, conduzindo importantes reformas e aperfeiçoando processos de planejamento e execução. Como resultado, frente à pandemia e aos menores orçamentos históricos da do Campus, ainda conseguimos recuperar vários espaços e estruturas institucionais, conseguir doações de insumos agrícolas e modificar muitos limitantes existentes até então, restando o sentimento de dever realizado, mesmo que a duras penas.

A chegada do meu segundo filho, Igor Miguel, ao final de 2022, trouxe consigo a necessidade de mudanças pessoais e profissionais. Cardiopata congênito, ele requereu de nossa família cuidados e acompanhamentos especiais, me fazendo entender que o ciclo de contribuições à

Instituição na condição de gestor deveria se encerrar. Assim, direcionei todas as atenções à família e tivemos no ano de 2023 de muitas provações e superações. Entre os tratamentos e cirurgias de Igor, eu e minha esposa Ana Paula tínhamos ainda que lidar com as responsabilidades, obrigações e deveres de nossos trabalhos. Passamos juntos por isso e fortalecemo-nos como pessoas e enquanto família, ao tempo em que consolidávamos nossa fé em Deus. Ao fim, tivemos recompensada a esperança nutrida mesmo diante dos medos e incertezas. No esteio de uma fé compartilhada por nós e por muitas pessoas próximas, encontramos amparo para os instantes mais apavorantes dessa jornada.

Passado o nevoeiro tenebroso de cirurgias e intercorrências hospitalares, retornamos ao lar nos reconhecendo gratos e mais coesos. Diante de provações dessa ordem, é pela fé e pela religiosidade “[...] que se exprimem e se reforçam os sentimentos coletivos; é por ela que se realiza a coesão moral dos grupos humanos” (Mauss, 1989, p. 128). Sob a égide desses eventos e das graças alcançadas, é impossível não sentir gratidão a todos aqueles que partilharam dessas angústias conosco e suavizaram os pesos emocionais que carregávamos. Em minha percepção, tão intensas experiências e o encontro limiar com o vazio da morte trouxeram ainda mais clareza acerca dos propósitos da vida, bem como o reconhecimento daquilo que verdadeiramente merece nossa dedicação irrestrita e daqueles que são dignos de serem chamados de amigos. Decorre daí o fato de que a volta ao lar foi realizada em plenitude, tendo deixado o cargo a Diretoria e encerrando um ciclo de contribuições à Instituição.

Estava apto agora, a voltar os olhos exclusivamente aos amores que sempre me foram os mais intrinsecamente relacionados à “imensidão” dos sentidos da vida. Aqui, as ideias de Bachelard (1978) são particularmente úteis à captura de sentimentos e sensações que, inscritos na fugacidade do cotidiano, às vezes passam despercebidos quanto à sua grandeza reveladora. Em um mundo radicalmente dominado pela colonização da subjetividade, bem como pela artificialidade das interações sociais, majoritariamente intermediada por dispositivos, estruturas, linguagens e códigos do universo virtual, reconhecer o *espetáculo* do cotidiano é enxergar a beleza do simples e do corriqueiro. Nesses termos, no devaneio da reflexão introspectiva nos é possível acessar, internamente, a grandeza de dimensões que nos transbordam e acessam os outros. Assim expõe Bachelard, (1978, p. 316):

A imensidão é, poderíamos dizer, uma categoria filosófica do devaneio. Sem dúvida, o devaneio se alimenta de espetáculos variados, mas por uma espécie de inclinação inata contempla a grandeza. E a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular, que o devaneio põe o sonhador fora do mundo mais próximo, diante de um mundo que traz a marca do infinito. (

Reconhecidamente, entre tantas prisões compulsórias e autoinflingidas, temos esgotado o sentido da vida a dimensões reduzidas e instrumentais, facultando a captura de nossa existência por estruturas e sistemas que, a priori, prescindem do nosso tempo. Com isso, quero dizer que o tempo-experiência de nossas vidas é singularmente raro e valioso, sendo consciência registrada em forma de memória (Santos, 2006). Em evolução e amadurecendo, conseguimos entender que trabalho, carreira acadêmica e realizações profissionais precisam ser equilibrados de tal modo que não transformem o tempo de vida em uma sucessão de instantes vazios, marcados, sobretudo, pelos sacrifícios dos bons e impagáveis momentos em família. Quando ignoramos isso, mais cedo ou mais tarde duras serão as lições através das quais aprenderemos tal máxima.

3. Agência reflexiva e dinâmicas da (cons)ciência: contribuições à compreensão do mundo social

Enquanto bacharel em ciências sociais, oportunamente conhecemos as mais variadas abordagens teóricas da antropologia, ciência política e sociologia, e, por conseguinte, construímos uma visão ampliada do(s) mundo(s) social(is) e seus respectivos problemas. Em decorrência, o aguçado senso crítico nos impele à interpelação do nosso próprio fazer, seja na condição de professor, de pesquisador, de extensionista ou, ainda, seja na posição de gestor administrador. Sob este prisma, entendo, desde a muito tempo, que a docência é uma tarefa peculiar, cujos resultados positivos nem sempre prescindem exclusivamente de nós mesmos. Há, portanto, inexoravelmente,

diversos fatores de ordem estrutural, social e subjetiva que influenciam os resultados e êxitos dos processos de aprendizados, tendo eles sido ampliados e intensificados nos últimos anos.

Contemporaneamente, a dimensão do *espetáculo*, ampliou-se drasticamente, assumindo relevância crucial não apenas na composição dos processos comunicativos massivos, mas também nas formas cotidianas de conteúdos direcionados a poucos interlocutores (Debord, 1997). Isso deve-se não apenas às revoluções tecnológicas e comunicacionais ou à globalização, mas fundamentalmente à difusão das redes sociais do mundo virtual a níveis inimagináveis, pulverizando suas estéticas, tempos e estilos discursivos fragmentados. Segundo Castells (1999) trata-se de processos que são tanto complexos quanto ambíguos e ainda em desenvolvimento, mas que hoje ocorrem sob influência direta de outras transformações culturais, econômicas e políticas, as quais potencializam uma estrutura-poder de comunicação cuja âncora da espetacularização⁶ dá-se pela falsa ideia de poder der fala e visibilidade, ampliando-se em audiência também pelas conveniências dos auspícios de algoritmos e inteligências artificiais.

⁶ Embora pareça redundância, há de se sublinhar o fato de que, aos olhos de Debord (1997), o espetáculo é singularmente constituído, não propriamente em sua natureza temática, mas, particularmente, no modo como se presta à construção discursiva sobrevalorizando ênfases e traços, tal qual uma caricatura, isto é, um desenho exagerado, em algum(ns) elemento(s) de um personagem, com a finalidade de exaltá-lo peculiarmente distinto e, por vezes, detentor de uma forma cultivada e nutrida no mundo contemporâneo, midiático e afeito aos exageros significativos e simbólicos.

De acordo com Debord (1997, p. 30), “quanto mais se contempla, menos se vive; quanto mais se aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos se compreende a própria existência.” Deste modo, se entende que a educação e os conhecimentos e visões críticas acessados em disciplinas como sociologia e filosofia são cruciais à compreensão da própria existência e das engrenagens estruturais. Entretanto, a dominância da forma espetáculo em muitas searas comunicativas é indiscutível e, por conseguinte, torna obscura a própria realidade, posto que “o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana como mera aparência” (Debord, 1997, p. 10). Como consequência, o mundo da educação vive grandes dilemas na atualidade, a sala de aula, o currículo, as metodologias e o próprio papel do professor são colocados à prova em duplo sentido: quanto às habilidades e capacidades frente às inteligências artificiais; e quanto à sobrevalorização de formas-discursivas “espetacularizadas” com ares de entretenimento, que entregam conteúdos sob roupagens e linguagens atrativas, afins com os modelos estéticos e com os tempos das mídias das sociais. A questão não sobre as redes sociais em si, mas sim sobre a colonização dos modos de pensar e da fixação de um tipo-discursivo que passou a modelar todas as outras formas de comunicação dos sujeitos. A este respeito, Castells (2013, p. 19) alerta para o fato de que “a batalha fundamental a ser travada na sociedade em rede é a batalha pela mente das pessoas” e, neste sentido, é urgente que reflitamos acerca dos fazeres docentes e das alternativas factíveis para que consigamos mais engajamentos e *likes* por parte dos estudantes.

Nos últimos anos, tenho experimentado outras maneiras de abordagem e envolvimento do alunado, na tentativa de romper o desinteresse apresentado por muitos alunos face aos saberes reflexivos. Inclino-me ao entendimento de que as mudanças sociais em curso são paradigmáticas e, por lógico, irão remodelar muito do exercício da docência tal como o conhecíamos. É fato que já estamos em adaptação; as metodologias ativas, as apropriações estéticas e novas as estratégias de abordagem capitalizam o papel do professor em articulação com recursos inovadores para melhoria dos processos de ensino aprendizagem e avaliação de conteúdos e habilidades. Apesar desses esforços, os mais vanguardistas entusiastas das inteligências artificiais são enfáticos ao afirmar que elas já conseguem compilar, correlacionar, sintetizar e apresentar o conhecimento científico acumulado sob formas e modelos variados, mais ágeis, produtivos e “aplicáveis”, tanto quanto mais eficientes ao aprendizado. Diante disso e da expansão hegemônica da forma-discurso espetacularizada e encurtada dos *social media*, é inevitável questionar os auspícios desta nova era tecnológica, sobretudo quanto às repercussões previsíveis de mais um fosso estratificando o acesso real às formas críticas e libertárias de conhecimento humano. Caminhando nesse trilha, conforme aventado por Lipovestky (2007, p. 72, grifo do autor), “chegamos assim à época do radicalismo bugiganga, da dissidência lúdico-espetacular, extraordinariamente conexa com o espetáculo da publicidade”. Ressalvadas as devidas situações específicas que escapam a essa ideia, exigir do saber docente e do fazer pedagógico peripécias hábeis e endógenas às mídias das redes

é imputá-lo uma lógica de apresentação e experimentação nem sempre exequível a saberes reflexivos, abstratos e imateriais em sua percepção teórica.

Institucionalmente, esse tipo de reflexão me estimulou a colaborar com formação do Mestrado Profissional em Ensino de Filosofia e, mais recentemente com a conquista do curso de Licenciatura em Filosofia. Contando com a ajuda e dedicação de professores de vários Campus do IF Sertão PE e colaboradores externos, esse espaço de formação surgiu em um Campus eminentemente agrário, ratificando a importância das agências humanas em ações reflexivas, mudando padrões e predileções estruturais já estabelecidas (Giddens, 2001).

Em verdade, muitas das circunstâncias com as quais me deparei nos processos de gestão, sobretudo à frente da Diretoria de Administração e Planejamento do Campus Petrolina Zona Rural do IF Sertão PE evidenciaram os complexos movimentos relacionais entre agência e estrutura (Giddens, 1991). Neste sentido, os processos constitutivos à burocracia inscrita tanto na ordem da administração financeira quanto nas instâncias da pesquisa, ensino e extensão, trazem à tona, inevitavelmente, a necessidade de compreender como organizações públicas mobilizam dinâmicas de poder e os jogos de interesse, os quais são particularmente problemáticos e tensos nas modernidades de caráter múltiplo (Eisenstadt, 2001). Dentro deste contexto, há uma margem importante tangente às ações humanas que pode trazer repercussões importantes em grandeza, intensidade e amplitude, quer sejam positiva ou negativamente.

As consequências não intencionais da ação são de uma importância central para a teoria social na medida em que surgem sistematicamente incorporadas no processo de reprodução das instituições. [...] Pelo menos na medida em que tais consequências não intencionais se encontram envolvidas na reprodução social, estas tornam-se também condições da ação social (Giddens, 2001, p. 22).

Face ao exposto, as vivências institucionais foram sempre compreendidas por mim sob um crivo revelador de situações sociológicas concretas, nas quais os atores sociais não são meramente executores de normas, mas sim *agentes reflexivos* que negociam significados e estruturam as práticas institucionais a partir de um arcabouço teórico-prático internalizado. Partilha-se neste caso da mesma compreensão de Giddens (1991, 2003), para o qual, a reflexividade, enquanto potência de agência humana transformadora, é o que nos permite agir, mesmo defronte ao constrito cenário de estruturas constrangedoras. Entendo que as conquistas alcançadas com os cursos de filosofia retratam muito bem isso, sendo este, hoje, um campo de diálogo e de atuação em que me sinto confortável de atuar, não apenas pela atmosfera estabelecida no diálogo, mas pela riqueza das interlocuções realizadas com o corpo de estudantes, orientandos e com os pares do magistério.

4. À guisa de sinalizações ao futuro: novos olhares para questões emergentes

Nos últimos anos, minha trajetória acadêmica tem se movido entre o rigor da pesquisa empírica e a urgência ética de olhar o mundo social ainda com mais acuidade. Posto que, mais do que nunca, as reverberações oriundas da atual fase da modernidade trazem à sociedade contemporânea uma condição peculiarmente volátil em que “[...] as condições de atuação mudam antes que as formas de agir possam se consolidar em hábitos e rotinas” (Bauman, 2001, p. 9). De maneira espantosa, os lastros sociais perdem seus contornos definidores com facilidade, sob a tônica frenética das mudanças e das imposições de novos sentidos que circulam na velocidade imperiosa da fetichização de mercadorias, serviços, pessoas e totens ultramodernos dos universos virtuais e suas realidades alternativas. No bojo dessa apoteose de voláteis transformações, “a sociologia é indispensável para entender o mundo em que vivemos e para nos situarmos dentro dele” (Giddens, 2003, p. 10). Em outras palavras, “a sociologia é a bússola de que precisamos para navegar no mundo confuso e em rápida mudança do novo milênio” (Bauman, 2011, p. 7)⁷.

⁷ Ainda que partam de definições conceituais distintas para apreender o instante recente da modernidade, bem como apresentem preceitos diferentes à agência humana e suas condições de alterar a lógica das estruturas, diante da condição caótica no ritmo de processamento das mudanças e transformações na história recente, Bauman (2011) e Giddens (2003), cada qual à

Retomei em 2024 uma participação acadêmica mais intensa, lançando luz sobre novas temáticas, tenho buscado com mais propriedade correlações teóricas e interfaces com outras disciplinas, ampliando, com isso, o leque de interlocuções, bem como os campos de atuação. Neste sentido, permiti-me incorrer em searas temáticas que nem sempre convergem com facilidade, o que me requer um esteio teórico de base diverso. Ao contrário do que avaliações conservadoras poderiam dizer a esse respeito, não vejo isso como algo necessariamente problemático, mas sim desafiador, na medida que supõe a incorporação de novas referências técnicas, assim como delineamentos e aplicações metodológicas não habituais. Haveria outro indutor melhor que esse ao exercício da criatividade de pesquisador e ao aprimoramento daquilo que Mills (2009) chama de imaginação sociológica? Pouco provável, acredito.

Dessa maneira, inspirado pelas mudanças em curso no mundo do trabalho rural e face às diretrizes normativas emergentes em organismos internacionais dei início ao projeto de pesquisa “Mapeamento Sociotécnico de fatores de risco psicossocial em empresas agropecuárias do Vale do São Francisco”. Objetiva-se o desenvolvimento de um protocolo diagnóstico capaz de apreender dimensões que, muitas vezes, escapam aos relatórios formais, tanto quanto às avaliações psicológicas restritas. Trata-se de uma investigação orientada

sua maneira, reconhecem na sociologia um potencial heurístico singularmente capaz de trazer algum entendimento e inteligibilidade sobre essas dinâmicas em curso e os possíveis caminhos a que nos levam.

pela Sociologia das Organizações, que trará à tona não apenas dados operacionais, mas zonas de incerteza, estruturas informais e microdinâmicas de poder frequentemente invisíveis nos diagnósticos convencionais. A partir da articulação entre teoria da estruturação (Giddens, 2003) e as nuances críticas do poder simbólico (Bourdieu, 2003), visamos um mapeamento diagnóstico capaz de captar os vínculos sutis entre práticas organizacionais e saúde no trabalho, situando o risco sociotécnico como expressão relacional e historicamente contextualizada, tendo tal protocolo capacidade de revelar zonas de ambiguidade, práticas e estratégias informais, bem como micro violências que atravessam o cotidiano laboral⁸.

Ainda no final de 2024 submeti a seleções para obtenção de recursos, dois projetos que nasceram do encontro entre história social, memória coletiva, cultura e identidade, construindo na interface interdisciplinar. Aprovados em seus respectivos editais, tiveram a execução iniciada no corrente ano, fortalecendo meus olhares acerca desse eixo temático, o qual,

⁸ Em Feitosa (2016) já havíamos identificado várias estratégias e práticas informais nas *packing houses* de exportação que potencializavam o sobre-esforço produtivo e intensificavam as instâncias de controle em categorias específicas de trabalhadores rurais, conformando cenários de latentes riscos psicossociais. As mudanças na *Norma Regulamentadora Nº 01* trouxeram a obrigatoriedade das avaliações e gerenciamento dos riscos psicossociais nas organizações (Brasil 2024), capitaneando meu interesse em revisitar tal campo de estudo sob um viés mais prático. Outrossim, as habilidades e conhecimentos práticos adquiridos nas experiências de gestão me capacitaram a um olhar diferenciado sobre essas questões, especialmente frente ao predomínio de métodos e enfoques psicológicos. Hoje, essa é também uma seara em que atuo como consultor na região do Vale do São Francisco.

afinal, interage bem com as pesquisas de pós-graduação dos orientandos sob minha tutela. Neste contexto, tanto o estudo de João Vitor de Castro Vila Nova⁹ que se pretende à análise filosófica dos elementos de identidade negra brasileira que emergem da literatura feminina contemporânea; quanto a pesquisa de Rosiane da Silva Xavier que, através de uma leitura filosófica decolonial, busca entender a identidade cultural quilombola e os valores sociais presentes em um lócus escolar específico; cada qual à sua maneira, acessam a memória coletiva materializada (seja na literatura, seja nos valores dispersos no contexto escolar, em práticas ou currículos) e os movimentos de construção identitária, dispondo elementos culturais nos movimentos por reconhecimento e resistência.

Financiado pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), *Histórias da Confederação do Equador: 200 Anos de Liberdade e Resistência*¹⁰ tem como premissa o bicentenário deste relevante episódio histórico do Brasil. Possui, enquanto objetivo principal a criação de instrumentos e materiais pedagógicos voltados à utilização em disciplinas de história do ensino médio, bem como em outras áreas de conhecimento afins. Através da produção de vídeos, podcasts e de um guia didático, visamos alcançar

⁹ VILANOVA, João Vitor de Castro. Sertão dentro: Um memorial de vida e silêncios. **Re(senhas)**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. e25019, 2025. DOI: 10.71263/ggzny439. Disponível em: <https://resenhas.ojsbr.com/resenhas/article/view/50>. Acesso em: 27 maio. 2025.

¹⁰ Projeto aprovado e financiado pela FACEPE, submetido ao Edital nº 28/2024 - Confederação do Equador: Pernambuco conta uma história de 200 anos. Processo nº APQ-2351-7.08/24

preferencialmente os estudantes da rede pública pernambucana. Sob a perspectiva narrativa da história esquecida, silenciada ou subvalorizada dos movimentos emancipatórios do Nordeste, procuramos mobilizar aquilo que Arendt (2009, p. 17) chamou de “o fio da tradição”, não para restaurá-lo, mas para, entre o passado e o futuro, *abrir um espaço de pensamento*. Este, por conseguinte, caracterizando uma apreensão crítica e articulada do passado a fim de dotar os sujeitos do presente com as devidas capacidades de agência para construir um futuro político com raízes identitárias pernambucanas bem constituídas.

O resgate histórico dessa memória identitária política e das outras instâncias de significados intrínsecas à revolta de 1824, os quais nem sempre são devidamente explorados na historiografia convencional, bem como construção dos conteúdos multimídias e os respectivos materiais de apoio, são trabalhos árduos que seguem em realização. Para a consecução dessas atividades e atingimento das metas, tenho a satisfação de coordenar uma dupla de estudantes de nível superior destacadamente dedicados e brilhantes, sendo estes Gabriela Torres Coelho (Licenciatura em História - UPE) e Guilherme Pereira Evangelista Alves (Bacharelado em Agronomia - IFSertãoPE).

Também em realização, o projeto de extensão (e pesquisa) “*Memorial Imagético e Etnográfico da Missa do Vaqueiro de Petrolina*”, acessa recursos de um Edital do IFSertãoPE direcionado aos povos tradicionais. Coordeno e oriento o bolsista, e também vaqueiro, Amauri Pereira de Almeida Júnior nas atividades que pretendem, através da

etnografia e da história oral visualizar e compreender as formas de religiosidade e de resistência simbólica comunitária que são congregadas nos preparativos e realização da tradicional Missa do Vaqueiro. Como esteio teórico-metodológico, a escrita densa (Geertz, 1989) e as reflexões de Bourdieu (2007) sobre os mecanismos de consagração e distinção social se articulam de forma crucial. Sob tal conformação, buscamos entre falas e imagens apreender a espessura temporal e afetiva aos espaços e tempos da religiosidade, n intuito de alcançar aquilo que Bachelard (1978) denomina enquanto *imensidão íntima*, ou seja, o modo como o vivido se inscreve poeticamente na memória coletiva. Assim, como quem recolhe fragmentos vívidos de memória coletiva de um tempo outro, articulando história oral, etnografia e plataformas digitais, intencionamos criar um memorial que não apenas preserva, mas reinscreve sentidos de pertencimento e resistência cultural dos catingueiros/vaqueiros.

Desde 2024, retornei com intensidade à sala de aula e às linhas de pesquisa, dedicando-me ao ensino de Sociologia e Filosofia na graduação e no mestrado Profissional (PROF-FILO). Tenho ministrado disciplinas como Sociologia Rural, Fundamentos Sociológicos da Educação, Seminários de Projeto e, brevemente, Metodologia Científica e Filosofia do Ensino de Filosofia. Em um tempo marcado pela espetacularização da vida (Debord, 1997), educar acaba se tornando um ato de resistência à velocidade improdutiva da informação, resguardando o pensamento como ato cultivado. Em cada projeto, empreendo esforços no intuito de honrar a *imaginação sociológica* (Mills, 2009), interligando vivências individuais às

estruturas mais amplas. Do mesmo modo, em cada aula acesso as interpelações de Dewey (1970) sobre como tornar a educação uma experiência democrática e transformadora, ultrapassando esses mesmos marcos em sua condição abstrata, mas antes, como prática cotidiana.

Entre o método e a sensibilidade, entre o campo e a teoria, entre o dado e o gesto, vou trilhando essas estradas com o compromisso de enraizar meu fazer acadêmico nas realidades locais, sem perder de vista sua potência de transformação. É nesse horizonte que inscrevo minha prática sociológica, fazendo-a inventivamente sem enrijecê-la na repetição de fórmulas metodológicas ou reificação canônica de autores e conceitos, mas sim como quem a pensa para o mundo em transformação, seja para apreendê-lo em seus processos, sistemas e agentes, tais como dados na realidade, seja para criticá-lo, quando necessário, ou mesmo modificá-lo por meio de intervenções possíveis.

E assim, pois, encerro este texto, cujo desafio foi bastante instigante, na medida em que o presente memorial filosófico guarda marcas, sentimentos, memórias, conhecimentos projetos de vida e planos profissionais. Mesmo nos limites das linhas de um texto, busquei trazer à tona, retrospectivamente, maior clareza ao esplêndido dos percursos não lineares da vida, bem como aos (des)caminhos que me levaram a lugares especiais. Conforme bem retratado por Deleuze (2004, p. 88), antes de tudo, somos movimento e transformação, nunca estamos completamente estáticos, “O ser não é jamais repouso fixo, mas sim devir incessante, trama de diferenças em constante movimento: na diferença e na

repetição é que se constitui o próprio ser como transformação contínua”. Assim, me satisfaço em sinalizar, estou em movimento, aguçando sensações, desenvolvendo habilidade e incorporando saberes e, por óbvio, existindo socialmente na vivência dos cotidianos inúmeros que me tocam.

Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BACHELARD, Gaston. A imensidão íntima. In: BACHELARD, Gaston. *Os Pensadores*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 316-334.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *A sociologia como bússola*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre.; CHAMBOREDON, Jean-Claude.; PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Burke. São Paulo: Edusp, 2007.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Portaria nº 1.419, de 27 de agosto de 2024. Aprova a nova redação do capítulo “1.5 Gerenciamento de riscos ocupacionais” e altera o “Anexo I -*

Termos e definições” da Norma Regulamentadora nº 1 (NR-1). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 28 ago. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/normas-regulamentadoras>. Acesso em: 27 maio 2025.

BUTLER, Judith. *A força da não violência: um vínculo ético-político*. São Paulo: Boitempo, 2021.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

COSTA, Jorge Henrique de Oliveira.; LIMA, Igor de Sousa. Desafios vivenciados pelos gestores públicos na preservação do princípio da eficiência e suas possíveis repercussões pós pandemia. *VirtuaJus*, Belo Horizonte, v. 16, n. 33, p. 1-20, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/virtuajus/article/view/27990>. Acesso em: 22 maio 2025.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Vladimir Safatle. São Paulo: 34, 2004

DEWEY, John. *Democracia e educação*. São Paulo: Nacional, 1970.

EISENSTADT, Shmuel Noah. Modernidades Múltiplas. *Sociologias, problemas e práticas*, n. 35, 2001, p.

139-163. Disponível em: <https://sociologiapp.iscte-iul.pt/fichaartigo.jsp?pkid=57>. Acesso em 25 de maio de 2025.

ELIAS, Norbert. *Envolvimento e distanciamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FEITOSA, Rodolfo Rodrigo Santos. Controle e participação social: dinâmicas do Conselho Estadual de Trabalho e Emprego - PB. In: II Seminário Nacional Sociologia e Política, 2010, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba, Paraná: Universidade Federal do Paraná, GT 13- Tendências e Desafios Contemporâneos, 2010. v. 13. p. 1-20.

FEITOSA, Rodolfo Rodrigo Santos.; OLIVEIRA, Roberto Veras de. Os dilemas da participação e controle social: um estudo sobre o Conselho Estadual de Trabalho e Emprego-PB. In: VI Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande, 2009, Campina Grande - PB. *Anais [...]*. Campina Grande, Paraíba: Editora da UFCG, 2009. v. 3. s/p.

FEITOSA, Rodolfo Rodrigo Santos. *Processos sociais de subalternização do pequeno agricultor à empresa agrícola no*

Perímetro Irrigado Senador Nilo Coelho em Petrolina-PE. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2012. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/3956>. Acesso em: 25 de maio de 2025

FEITOSA, Rodolfo Rodrigo Santos.; CAVALCANTI, Josefa. Salete. Barbosa. Entre o local e o global: a resistência cotidiana dos trabalhadores das packing houses de manga do Vale do São Francisco. In: XVIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2017, Brasília-DF. *Anais [...]*. Brasília, Distrito Federal, Acontece Eventos, 2017. Disponível em: <https://sbsociologia.com.br/congressos/anais-de-congressos/>. Acesso em: 25 de maio de 2025.

FEITOSA, Rodolfo Rodrigo Santos. *Globalização e Trabalho: os trabalhadores nas packing houses de manga do Vale do São Francisco*. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/20270>. Acesso em: 25 de maio de 2025.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. *Dualidade da Estrutura: agência e estrutura*. Oeiras: Celta, 2001.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade Pessoal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade: fundamentos para a teoria da estruturação*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria da ação comunicativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. v. 1.

JAMES, William. *Pragmatismo: um novo nome para algumas velhas formas de pensar*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

LIPOVETSKY, Guilles. *A sociedade da decepção*. Barueri: Manole, 2007.

MAUSS, Marcel. *Teoria geral da magia*. Em coautoria com Henri Hubert. São Paulo: EPU, 1989.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, v. 1.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

POUPART, Jean.; DESLAURIERS, Jean-Pierre.; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne.; MAYER, Robert.; PIRES, Álvaro P. *A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

ROCHA, Gabriel Kafure da. Entre trilhas e clareiras: Um memorial filosófico de multiversidades poéticas do ensino. *Re(senhas)*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. e25022, 2025. DOI: [10.71263/dnfz0048](https://doi.org/10.71263/dnfz0048). Disponível em: <https://resenhas.ojsbr.com/resenhas/article/view/55>. Acesso em: 23 maio. 2025.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Lisboa: Edições 70, 1990.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SORJ, Bernard. *A nova sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

SOUZA, Jessé de. *A Ralé Brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

WEBER, Max. *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*. Nova York: Scribner, 1958.

Submetido em Abril de 2025

Aprovado em Maio de 2025